

# Líderes reagem e ameaçam o governo

“Não é só Collor que representa o povo brasileiro. Nós representamos mais do que ele, porque fomos eleitos agora e não há um ano”. Dita pelo líder do PDS na Câmara, Amaral Neto, essa frase sugere que a recusa das lideranças governistas em apoiar os projetos do governo Collor pode deixar o presidente da República em dificuldades semelhantes às vividas por Jânio Quadros nos seus oito meses no Palácio do Planalto. “O governo precisa nos ouvir e fazer com que participemos das decisões nacionais. Senão, tudo aqui sairá ao contrário do que ele deseja”, acrescentou o líder do PTB, Gastone Righi.

A reação dos dois líderes foi gerada pela notícia de que o governo estava insatisfeito com a atuação deles no Congresso, mas pouco antes das 11 horas o líder do PFL, Ricardo Fiúza, atendeu a um telefonema em que o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, tentava sanar a crise. Passarinho assegurou a Fiúza, pedindo que ele transmitisse isso aos líderes do PTB e PDS, que não havia dito o que os jornais publicaram — que ele queria “a cabeça” dos três por traição ao governo Collor durante a votação de quarta-feira no Congresso. Fiúza afirmou que não estava mesmo preocupado, porque na noite anterior havia conversado três horas com o ministro sem sentir “qualquer hostilidade”.

## **Críticas a Zélia**

O líder do PDS, Amaral Neto, também não acreditou que estivesse prestes a ser degolado, “até porque quem escolhe o líder da bancada é a própria bancada, não o ministro da Justiça”. Na avaliação de Amaral, o ministro “está aborrecido com o líder do governo em exercício, deputado Humberto Souto (PFL-MG)”. Fiúza também en-

dossou críticas ao líder governista, “que não aceita conselhos e nem segue orientação de seus companheiros”.

Fiúza, Amaral e Righi garantem que a posição de descontentamento com o governo é da quase totalidade das respectivas bancadas. “Essa jovem senhora”, disse Fiúza, referindo-se à ministra Zélia Cardoso de Mello, “precisa aprender que o Congresso existe, está funcionando e os parlamentares que apóiam o governo têm o dever de serem informados pelos seus líderes e discutirem as decisões previamente”.

## **Novo líder**

Consciente das consequências que podem advir de um difícil relacionamento do governo com o Legislativo, o ministro Jarbas Passarinho considera fundamental agora cortejar essas lideranças, ao contrário do presidente da República que, conforme um assessor palaciano, considera mais importante ter o apoio que seu carisma desperta junto à população. Esse fosso, que só o ministro da Justiça está se esforçando para remover, promete continuar provocando ataques de um lado e de outro na próxima semana.

Em meio à troca de ataques entre líderes governistas e governo, há dias circula o nome de um candidato a líder do governo na Câmara — Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA), o filho do ministro das Comunicações no governo Sarney e atual governador eleito da Bahia. “O Luís Eduardo seria a solução para o governo finalmente ter um líder autorizado no Congresso. O Antônio Carlos é uma liderança muito afirmativa e a escolha do filho seria muito hábil”, diz Gastone Righi.

**Flamarion Mossri e  
Tereza Cardoso/AE**